



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO  
BÁSICA – PARFOR**

MARIA LÚCIA CARDOSO FARIAS

**DO SONHO A REALIDADE:  
UM CAMINHO DE DESAFIOS NA FORMAÇÃO SUPERIOR**

ABAETETUBA – PA  
2018



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO  
BÁSICA – PARFOR**

**MARIA LÚCIA PINHEIRO CARDOSO**

**DO SONHO À REALIDADE:  
UM CAMINHO DE DESAFIOS NA FORMAÇÃO SUPERIOR**

Trabalho de conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia, da Universidade Federal do Pará, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Mestra Rosiane Peixoto, em cumprimento a obtenção de grau

**ABAETETUBA – PA  
2018**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

F224s Farias, Maria Lúcia Cardoso.  
Do sonho à realidade: : um caminho de desafios na formação superior / Maria Lúcia Cardoso Farias. — 2018.  
42 f. : il.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. MSc. Rosiane Moraes Peixoto  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Pedagogia, Abaetetuba, 2018.

1. Formação. 2. Memória. 3. Prática pedagógica. I. Título.

CDD 370

---

**MARIA LÚCIA PINHEIRO CARDOSO**

**DO SONHO À REALIDADE:  
UM CAMINHO DE DESAFIOS NA FORMAÇÃO SUPERIOR**

Trabalho de conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia, da Universidade Federal do Pará, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Mestra Rosiane Peixoto, em cumprimento a obtenção de grau

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

---

Prof.<sup>a</sup> Rosiane Peixoto  
Orientador – UFPA

---

Prof.  
Avaliador – UFPA

ABAETETUBA – PA  
2018

## DEDICATÓRIA

Para minha Família e amigos, minha eterna gratidão.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela conquista e realização desse sonho e por ter me proporcionado a inspiração necessária para escrever este memorial.

Aos meus pais Luzinal dos Reis e Maria da Trindade Macedo, primeiros educadores em minha vida, os quais mesmo distantes me proporcionaram alegrias e incentivos.

Em especial também, a família que me criou, os quais me apoiaram e mostraram-me a importância da educação para a vida do ser humano na sociedade, por me ensinarem que para ter oportunidades na vida, o melhor caminho é a educação e agora podem ver a realização desse sonho.

Ao meu esposo Antônio Adilson Costa Farias, que sempre esteve comigo em todos os momentos.

Aos meus filhos, Natália de Cássia e Vinicius Adilson, que sempre me incentivaram, me dando força e paciência colaborando para minha construção profissional.

Quero agradecer a minha sogra, Natália Costa Farias que sempre me deu apoio em meus estudos.

Aos meus irmãos que nunca mediram esforços para me apoiar ao iniciar em minha vida docente.

As minhas amigas Eliza Lima e Rosenilda Farias, que sempre me apoiaram quando mais precisei, as quais são responsáveis por essa vitória.

A minha equipe de trabalho, Luana, Maria Lucia, Olinda, Rosilea, pela amizade e momentos que jamais serão esquecidos.

A minha orientadora, Roseane Peixoto pela paciência, dedicação e competência, mostrando a mim o melhor caminho para o término desse trabalho, bem como a minha amiga Suzane Farias que contribuiu de maneira significativa na organização do mesmo.

Em especial ao professor Alexandre Calls pela dedicação como profissional

Ao curso de pedagogia, o qual me possibilitou renovar e transformar meus conhecimentos.

A turma de pedagogia 2014 PARFOR, pelos quatro anos convividos juntos, compartilhando as mesmas angústias, sonhos e realizações. Obrigada.

Em fim ao longo de toda essa jornada no curso de pedagogia, agradeço a cada professor, a coordenação, assim como também todas as disciplinas e teorias estudadas as quais vem contribuir significativamente direta e indiretamente em minha formação, o que me faz sentir-me hoje parte integradora de uma prática renovada quanto futura pedagoga.

## **EPIGRAFE**

"[...] A nossa maior glória não reside no fato de nunca cairmos, mas sim em levantarmo-nos sempre depois da queda".

Provérbio Chinês - Confúcio

## RESUMO

O presente memorial tem como objetivo narrar pontos relevantes em minha trajetória da vida estudantil, profissional e acadêmica, e descrever por meio de uma análise minuciosa as recordações da infância, juventude, fase adulta e suas relações com as experiências formativas, pessoais e profissionais adquiridas ao longo do tempo. Enfatizando o ingresso no Programa de Formação Continuada (PARFOR - UFPA), no Campus Universitário de Abaetetuba Pará. Sendo esse o ápice da realização de um sonho, que é o de concluir com êxito a formação Superior. Ao descrever sobre minha história de vida mostrarei um registro bastante reflexivo e não simplesmente descritivo sobre minha ação no mundo em que faço parte como indivíduo. Abordo minhas dificuldades no processo de aprendizagem, refletindo minha identidade docente destacando minhas concepções acadêmicas e prática pedagógica. Para a construção desse memorial utilizamos como metodologia a pesquisa autobiográfica, a qual possibilitou narrar minha histórias de vida. Através desse memorial realizei muitas reflexões a respeito de minha vida pessoal, estudantil e acadêmica e percebi o quanto consegui ao decorrer de minha história apesar dos desafios a superação de tudo, me transformando em uma pessoa melhor.

**Palavras- chave:** Formação, Memória, Prática Pedagógica.

## **ABSTRACT**

The present Memorial addresses important points in my career of student, professional and academic life, and aims to describe, through a detailed analysis, the memories of childhood, youth, adulthood and their relationships with the personal, over time. Emphasizing the entry into the Continuing Education Program (PARFOR - UFPA), in the University Campus of Abaetetuba Pará. This being the peak of the realization of a dream, which is to successfully complete Higher Education. In describing my life story I will show a rather reflective and not simply descriptive record of my action in the world in which I am a part as an individual. I approach my difficulties in the learning process, reflecting my teaching identity highlighting my academic conceptions and pedagogical practice. For the construction of this memorial we used as methodology the autobiographical research, which made it possible to narrate my life stories. Through this memorial I made many reflections about my personal, student and academic life and realized how much to achieve throughout my history despite the challenges to overcome everything by becoming a better person.

**Key words:** Training, Memory, Pedagogical Practice.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I- VINDA DE UM SEIO FAMILIAR TRADICIONAL DA REGIÃO RIBEIRINHA .....	14
1.1 Rememorando fatos de minha origem .....	14
1.2 A infância e os deslocamentos campo e cidade .....	16
1.3- O adentrar na escola, os encantos na educação infantil e as dificuldades no ensino fundamental. ....	19
CAPÍTULO II- JUVENTUDE E SEUS IMPACTOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO E CASAMENTO .....	24
2.1- Magistério formação profissional no ato de educar.....	24
2.2- Os desdobramentos do casamento e as novas responsabilidades. ....	27
2.3 – Vida de aluna professora.....	28
2.4- Práticas pedagógicas ilhas/cidade distinções e entraves.....	30
CAPÍTULO III - UNIVERSIDADE UM OLHAR MAIS ALINHADO SOBRE A EDUCAÇÃO .....	34
3. 1 Novas perspectivas educacionais .....	34
3.2 O curso de pedagogia e suas contribuições na prática docente .....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS: .....	39
REFERÊNCIAS .....	40

## INTRODUÇÃO

O presente memorial que tem como título: Do sonho à realidade: um caminho de desafios na formação superior partiu do seguinte objetivo geral narrar por meio de uma análise minuciosa as recordações da infância, juventude, fase adulta e suas relações com as experiências formativas, pessoais e profissionais adquiridas ao longo do tempo. E especificamente, enfatizar o ingresso no Programa de Formação Continuada (PARFOR - UFPA), no Campus Universitário de Abaetetuba Pará, descrever minhas dificuldades no processo de aprendizagem, refletindo minha identidade docente destacando minhas concepções acadêmicas e prática pedagógica.

Ao descrever sobre minha história de vida mostrarei um registro bastante reflexivo e não simplesmente descritivo sobre minha ação no mundo em que faço parte como indivíduo. Abordo minhas dificuldades no processo de aprendizagem, refletindo minha identidade docente destacando minhas concepções acadêmicas e prática pedagógica e ainda, expressar minhas experiências vividas, relatando aquelas que tiveram maior significância para a minha vida e realização pessoal, que contribuíram para a construção de um caminho promissor, embasadas em teorias que reforcem minha vivência e ideais. Buscando apresentar o meu contínuo aperfeiçoamento, desde os tempos de discente, a docência até a acadêmica.

A formação acadêmica se constituiu por meio do ingresso no Programa de Formação Continuada (PARFOR - UFPA), no Campus Universitário de Abaetetuba Pará. O município de Abaetetuba, situado na zona fisiografias Guajarina, a margem direita da foz do rio Tocantins, foi primitivamente chamado de Abaeté, topônimo indígena que significa “homem forte e valente”. Há divergência quanto às primeiras penetrações no território. Tradicionalmente, sabe-se que foram realizadas por Francisco de Azevedo Monteiro quando, em 1745, ali aportou acompanhado de sua família, abrigando-se de um forte temporal.

Se não fosse o passado eu jamais seria, se não fosse ele eu não teria do que falar, do que sentir e do que compartilhar. Meu passado foi minha escola, o meu mestre é minha história, (COELHO, 2007). As experiências de vida podem permitir ao docente a possibilidade de análise que ele concede a si próprio com a finalidade de avançar na sua capacidade de olhar e de refletir sobre o que faz.

O presente memorial tem como objetivo geral descrever por meio de uma análise minuciosa as recordações da infância, juventude e fase adulta e suas relações com as experiências formativas, pessoais e profissionais adquiridas ao longo do tempo. E como específicos: Possibilitar a interação mediante minhas memórias numa perspectiva do presente;

distinguir fatos vividos, as modificações vividas com as análises atuais; refletir sobre minha formação docente na perspectiva ao longo de minha trajetória de formação acadêmica.

Para a construção deste memorial foi utilizada a pesquisa autobiográfica. Segundo Abrahão, (2001) a respectiva autobiográfica vem fazer uma retrospectiva analisando as fazes da vida, as experiências vividas engendradas no processo de formação escolar.

E rememorar, buscar fundamentos mais precisamente, pessoais para a escrita acadêmica não é uma tarefa fácil, muito pelo contrario, descrever sobre minha trajetória vida pessoal, acadêmica e profissional, me fez reencontrar com fatos de suma importância, fatos estes que influenciaram fortemente o meu desenvolvimento social, educacional e profissional (ABRAHÃO, 2001, p. 07).

Ainda para a autora, esse ressignificar os fatos narrados nos indica que, ao trabalharmos com memória, estamos fazendo conscientes de que tentamos capturar o fato sabendo-o reconstruído por uma memória seletiva e intencional.

O ser humano enquanto pessoa não vive isoladamente, ou seja, constituímos nossa trajetória histórica, mostrando que nossa maneira de estar no mundo está relacionada às condições contextuais que marcam nossa trajetória. A esse respeito, Bosi (1994, p. 55) declara:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelo materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

Assim, é de grande importância a análise relacionada entre memória e prática docente, sendo que não quero somente relatar minha história de vida, mas formar e transformar minha maneira de aprender, de ensinar e de enxergar o mundo.

A narrativa a ser descrita diz respeito ao método de investigação científica o qual nos direciona a estabelecer uma relação entre a própria pessoa e o universo no qual ela está inserida podendo constituir-se como conteúdo de investigação e formação, instigando a procurar uma melhor análise entre o eu e o outro, haja vista que o ser humano não vive

isoladamente, cada um constrói sua história demonstrando ao mundo nossa maneira de estar, de pensar e todas as condições contextuais que marcam nossa trajetória (ABRAHÃO, 2001).

Procurando um embasamento teórico através de varias leituras, as quais vieram me auxiliar na compreensão sobre a movimentação da história no que diz respeito à construção humana, levando em consideração as mudanças que ocorrem na história e a possibilidade de um melhor conhecimento da sociedade, de sua cultura e do sujeito em sua concreta condição objetiva e subjetiva. Segundo Brandão (*apud* SANTOS, 2000, p.17).

Na trama das narrativas (auto) biografias tecidas pelos profissionais narradas, encontramos elementos que indicam um necessário saber articulador. Traduzidas pela memória, as experiências de vida-trabalho devem ser consideradas não como portadoras de soluções já prontas, e sim como um problema criativo susceptível de abrir novas possibilidades.

Pensar na minha atividade docente, mais especificamente na docência, trouxe-me grandes possibilidades de reflexões a respeito do ser professor, de como ao longo dos anos fui constituindo minha prática docente e de que forma fui me identificando como professora capaz de contribuir no processo de ensino-aprendizagem de meus alunos, que contribuíram muito no meu crescimento profissional.

Os autores que fundamentaram e dialogaram com esta escrita de si foram: Bossi (2008), Andrade (2005), Andrade (2005), Almeida (1987), Almeida (1968), Beijamin (2002), Brandão (*apud* Santos, 2000), Brasil (1997), Brasil (2011-2020), Bosi (1994), Coelho (2007), Freire (1996), Freire (2003), Gadotti (1997), Hage (2006), Legof (1996), Luck (2005), Maluf (2003), Maranhão (2001), Masetto (1997), Masetto (2003), Pimenta (2009), Vigotsky (1987), Wallon (1986).

O referido trabalho esta dividido em três capítulos. No primeiro abordo sobre a minha vinda de um seio tradicional da região ribeirinha, rememorando assim, fatos de minha origem, contando sobre minha infância e deslocamento campo e cidade, sem deixar de abordar também, o meu caminho ao adentrar na escola, os encantos na educação infantil e as dificuldades no ensino fundamental, minha história que é onde relembro profundamente momentos marcantes de minha vida familiar e escolarização inicial.

No segundo capítulo trata de minha juventude e seus impactos no processo de formação de casamento, magistério e formação profissional no ato de educar, sem deixar de lembrar os desdobramentos do casamento e as novas responsabilidades, a vida de aluna

professora e as práticas pedagógicas ilhas/cidade distinções e entraves; nele apresento fase da juventude, ensino médio e casamento.

Por fim, terceiro e ultimo capítulo, universidade, um olhar mais alinhado sobre educação e o curso de pedagogia e suas contribuições na prática docente, assim, vou apresentar relato sobre minha vida profissional abordando minha trajetória acadêmica até a formação a qual e me proporcionou a descoberta de novos conhecimentos através de saberes pedagógico.

## **CAPÍTULO I- VINDA DE UM SEIO FAMILIAR TRADICIONAL DA REGIÃO RIBEIRINHA**

Neste capítulo procuro registrar momentos de fundamental importância para minha vida pessoal, começando desde minha origem, passando pela infância e meus deslocamentos, os encantos e as dificuldades que encontrei durante a vida escolar.

### **1.1 Rememorando fatos de minha origem**

“O passado não está morto, porque nele se fundam as raízes do presente. É compreendendo o passado que podemos dar sentido ao presente e projetar o futuro”  
ARANHA (2004, p. 17).

A partir desse pensamento de Aranha (2004) venho rememorar meu passado. Meus primeiros traços iniciam-se as margens do Rio Ajuáizinho, uma das 72 ilhas do município de Abaetetuba/Pará em uma casa de madeira, coberta com palha, como inúmeras outras que existem nos rios do baixo Tocantins, sou ribeirinha de nascença. Vinda de oito filhos sendo 04 mulheres e 04 homens e a segunda filha de oito filhos.

Os fatos aqui representam um legado de conhecimento na minha história. Segundo Legof (1996) a memória é onde cresce a história que por sua vez alimenta procuramos o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão do homem. Assim começa a minha história:

Eu sou Maria Lúcia Pinheiro Cardoso, natural da zona ribeirinha, situada no município de Abaetetuba Pará. Nascida no dia 08 de julho de 1976 em um povoado que se divide em alto e baixo Ajuáí, por serem áreas de várzeas formadas por rios, furos e igarapés o único meio de transporte para se chegar, são os transportes fluviais, pequena embarcações como: barcos, rabetas e lanchas.

Segundo relatos de minha mãe, nasci e morei pouco tempo nessa localidade, devido ser uma criança doente. Na época, viajávamos com frequência para a cidade de Abaetetuba, sempre em busca de médicos, pois antes os únicos que faziam atendimento na localidade ribeirinha quando alguém adoecia eram os curandeiros (pessoas que cuidavam dos doentes apenas com orações e ervas da terra).

Meu pai chama-se Luzinal Reis Cardoso, um homem trabalhador, fazia o manejo do açai, da pesca e fabricação de tijolos, pois naquele tempo, tudo era muito difícil e somente o mesmo trabalhava para o sustento da família, sempre responsável e cuidadoso conosco, meu

pai batalhou para cumprir com seus deveres de chefe de família como era dito na época. Ao chegar do trabalho, mesmo cansado, sentava em sua rede e tirava um tempo para contar histórias e cantar, nessa época nem conhecíamos o que era televisão, e como era o único da família que sabia ler, contava histórias antigas. O mesmo estudou até o quarto ano. Nós sentávamos com ele na ponte e ficávamos encantados com os contos popular contados por aquele sábio, uma riqueza cultural que se traduz na tradição oral, preservada por meio das lendas locais como a do boto, da cobra grande, matintaperera e outras, assim, mesmo em meio as grandes dificuldades enfrentadas na época, meu pai fez o possível para dar-nos uma boa educação.

Minha mãe chama-se Maria da Trindade Pinheiro Cardoso, uma mulher guerreira que venceu muitas situações com garra e coragem. Cuidava do lar, cozinhava para os trabalhadores de meu pai. Minha mãe não teve a oportunidade de estudar, na época o ensino era de difícil acesso, conta que na época tinham que trabalhar cedo para ajudar meu avô e assim como os outros irmãos, não teve esse privilegio, no entanto, é muito sábia ao ouvir uma leitura sabe interpretar de uma forma tão completa que fico admirada ao ver quando meu pai lê a bíblia para ela.

Meus pais são casados no civil e no religioso, desse casamento nasceram meus irmãos amados, queridos e amigos e eu: Maria Luzinalda, Maria Luzia, Maria Lucilene, Manoel, Manoel Laércio, Manoel de Jesus, Manoel Márcio Leivi e eu Maria Lúcia, onde nem mesmo a distância deixou se quebrar esse companheirismo e amizade.

Hoje sou mãe e sei o quanto é importante conversar com os filhos, a união e o amor em uma família, orientar o que é certo ou errado sempre para não caírem nas armadilhas da vida. Sendo assim Beach (1968, p.12) afirma que:

Amar os filhos não é apenas cuidar do bem-estar pessoal ou dar ordens e regras sem significação. É bom lembrar que amar os filhos é deixá-los viver suas vidas, mas sempre assegurando a presença de pai e mãe cuidadosos e interessados. É comovente pensar que amar os filhos é divertir-se com eles, sempre que possível. É confortador aceitar que amar os filhos é confiar em suas possibilidades. A fala amorosa surge e lembra que é possível termos um novo olhar sobre nossos filhos, o que, seguramente, permite uma relação mais gratificante, uma troca mais enriquecedora.

Assim percebo esse cuidar de minha família para conosco, para assim vivermos uma vida plena, fundamentadas de saberes da vida.

Meu avô Manoel Praxedes e minha avó Maria adquiriram uma casa no bairro Algodoal ao lado da igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, com o propósito de um

ensino qualificado para meus três tios e assim começou o deslocamento dos netos para o município de Abaetetuba. Aos seis anos de idade, passamos a morar definitivamente em Abaetetuba, pois o acesso à escola no interior era muito difícil, por isso meu avô e meu pai continuaram nas ilhas trabalhando, enquanto minha avó e minha mãe cuidavam de todos na casa.

Após mudar para a cidade onde estou até hoje comecei a ver a vida de uma maneira mais ampla onde tudo era diferente, primeiro havia energia elétrica, televisão, geladeira, minha avó foi comprando aos poucos, lembro que a televisão ficava em um local longe do alcance das crianças para evitar que só os adultos pudessem ligar o equipamento.

Dessa forma, minha vida começava a tomar novos rumos dos quais eu passei a ter mais consciência e domínio do novo em minha vida. Observo uma mensagem de Paulo Freire (1996) dizendo que o mundo que é o próprio universo, porque é ele nosso primeiro educador. Essa primeira educação é uma educação emocional que nos coloca diante do mistério do universo, na intimidade com ele, produzindo a emoção de nos sentirmos parte desse sagrado ser vivo em evolução constante.

Sendo assim, a educação é necessária para a formação do ser humano, está dentro de nós, uma vez que, estamos na era das informações, diante da globalização, onde sedimentamos informações para a vida.

## **1.2 A infância e os deslocamentos campo e cidade**

Como toda criança da minha época, gostava de brincar fazendo brinquedos de barro com minha irmã e primas, e quando estava bem seco meu pai as colocava no forno para queimar (forno lugar onde se coloca o tijolo para ser queimado) e dar consistência nas criações. Tínhamos brinquedos de todas as formas, panelas de barro bonecas de barro era uma alegria imensa, relata minha mãe.

Minha infância foi encantadora, éramos livres, brincávamos de tudo, com a mudança conheci novos amigos vizinhos e brincávamos assim sempre depois do almoço, pois tínhamos um belo quintal com árvores frutíferas e uma rua tranquila para as demais brincadeiras.

Adorava brincar de pira – esconde, bandeirinha, espeta, empinar pipa; meu tio Nazareno confeccionava as mais belas pipas, nossa linha era da saca de açúcar ou farinha de minha avó, onde, nossa casinha era em baixo da casa de vovó. Pegávamos cipó no meio da rua para brincar de pular corda, pedras de tijolos arredondadas, quadradas, cada uma com sua

forma, para brincarmos bole-bole, amarelinha, cabo de guerra e também com gala-gala (fruta da seringueira que pegávamos quando íamos passear para o interior). Colhíamos a seringa para produzir nossas próprias bolas e assim brincarmos de queimada, quando comecei a ganhar minhas primeiras bonecas fiquei encantada, confeccionava as roupas delas e com isso ganhei aptidão também pela costura. Foram tantos momentos incapazes de serem esquecidos.

Nesse sentido Wallon (1986, p.117) afirma que “Brincar de andar, de pular, brincar de subir e descer, de pô e tirar, e empilhar derrubar, de fazer e desfazer, de criar e destruir”. Educar neste momento é sinônimo de preparar o espaço adequado, o espaço, isto é, explorável.

A infância é um momento inigualável na vida de qualquer ser humano onde se pode realizar as vontades que sentimos através de diferentes maneiras, podemos dizer que é a fase dos prazeres e das satisfações.

Quero salientar que nas férias, viajávamos para as ilhas com meus pais, ficava muito feliz, mais sentia falta de meus amigos, das brincadeiras, e ao mesmo tempo triste porque, quando faltava alguém no trabalho meu pai pedia nossa ajuda, lembro-me de cortar no carrinho (lugar que recebe o tijolo e é cortado no mesmo que sai da maromba maquina responsável pela fabricação do tijolo onde se coloca a argila), o trabalho era cansativo, mas sinto-me feliz por ter ajudado meu pai quando ele precisava de mim.

Sendo assim não nasci em “berço de ouro” mais minha infância foi vivida em um lar harmonioso e de respeito, onde o diálogo se fazia presente.

De acordo com Beijamin (2002, p.36) “Se brincar é típico da criança, se a infância é uma idade de jogo, se a atividade mais intensa, mais característica da infância é a ludicidade, não se pode conceder a infância sem o brinquedo”. Impedir-lhe o brincar equivale á roubar-lhe a infância e antecipar a vida adulta.

Dessa forma, o teórico vem de encontro ao que vivenciamos no passado, éramos crianças e nosso amadurecimento foi antecipado, pois experimentamos também o viver da vida dos adultos.

Hoje percebo a infância totalmente diferente a de antes onde o direito da criança e do adolescente ficava longe do que vivem as crianças de hoje, onde esse direito é garantido e assistido segundo a lei Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei 8069/90 | Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (BRASIL, 2002).

Aos 10 anos de idade sempre ia para feira com minha avó, como de costume fazíamos o mesmo percurso, passávamos em frente a uma casa onde havia muitas crianças, eu ficava olhando, um dia passamos bem próximo a casa, fomos chamadas pela proprietária da mesma,

a qual iniciou uma conversar com minha avó e dias depois lá estava eu na casa da família Wanzeller, pessoas maravilhosas que Deus em sua infinita bondade colocou em minha vida.

Confesso nos primeiros dias foram difíceis sentia a falta de minha irmã éramos apegadas, a distância foi muito dolorida, mas uma vez tive que ser muito forte longe de minha família, agora sozinha era como me sentia.

Ao morar com essa família recebia um pagamento que ficava com os meus pais para ajudá-los. A família disse para minha mãe que ficaria responsável em manter meus estudos e suprir minhas necessidades como: calçados, roupas, remédio, e outros custos, em troca eu brincava com as crianças, mas em nem um momento fui tratada com indiferença, ao contrário era tratada como se fosse uma filha, sem contar que para cada tarefa da casa tinha uma pessoa responsável. Éramos unidas, uma ajudava a outra quando tínhamos tempo, o que muito contribuiu para minha adaptação, com o passar dos dias minha vida foi se transformando em alegria em um novo ambiente, com novos costumes de vida.

As brincadeiras com as crianças eram encantadoras eram brinquedos que nunca tinha visto ficava encantada. Segundo Maluf (2003, p.11):

O brincar é a tarefa do dia- a- dia que nem os pais, nem os professores conseguem transmitir. A criança é curiosa e imaginativa, está sempre experimentando o mundo e precisa explorar todas as suas possibilidades para que a criança viva experiências que irão ajudá-la a amadurecer emocionalmente e aprender uma forma de convivência mais rica.

Diante dessa afirmação, hoje ao refletir sobre minha infância compreendo a minha identidade, ou seja, sou uma pessoa capaz de superar obstáculos e conviver com outras pessoas de forma digna.

Apesar da tristeza ao me separar de minha família, não me deixei abater, acreditando sempre que não existem dificuldades, nem problemas que Deus não possa resolver por nós. Alguns meses se passaram e fui entendendo que era necessária essa separação, porque só assim eu teria a oportunidade de estudar.

Peço a Deus que de saúde e muitos anos de vida a essa família que eu amo de coração e que me acolheu e tem por mim muito carinho. Para mim foram mais que pais de criação os quais se chamam Roberto Wanzeller e Ivonete wanzeller, eles têm sete filhos: Roberto Junior Soraya, Shirley, Robson, Rosinete, Rodrigo e Soyane, para mim, Deus me abençoou com mais esses irmãos amados e queridos por todos daquele lugar. Essa relação estabelecida com outra família foi uma experiência que me lembra das palavras de Freire (1921, p. 14):

Os momentos que vivemos ou são instante de um processo anteriormente iniciado ou inauguram um novo processo de qualquer forma referido ou passado. Daí que eu tenha falado antes de "parentesco" entre os tempos vividos que nem sempre percebemos, deixando assim de desvelar a razão de ser fundamental de modo como nos experimentamos em cada momento.

Contudo, essa separação de minha primeira família não foi em vão, mas sim uma grande oportunidade de adquirir novos conhecimentos no meio social no qual eu estava inserida. Sendo assim, me conscientizei que era preciso passar por um problema para se tornar uma solução, onde o aprender depende de nós e por isso decidi me esforçar mostrando para meus pais e para mim mesma, que Deus criou o universo e que diante deste universo podemos plantar para amanhã colhermos os frutos.

### **1.3- O adentrar na escola, os encantos na educação infantil e as dificuldades no ensino fundamental.**

Em 1983 comecei a estudar na escola Pedro Teixeira em um anexo chamado casulo na pré- escola, minha mãe me matriculou e assim iniciaram-se meus desafios escolares.

Ao iniciar essa fase escolar senti dificuldade em me adaptar, pois era muito apegada com minha mãe, mesmo com a escola próximo de nossa residência, e foi quando conheci uma professora maravilhosa encantadora dos olhos da cor do céu fiquei encantada e me apaixonei, seu nome jamais esquecerei ficou gravada em meu coração Dyllur Nery pela forma como nos recebia, muito humana, tratava todos iguais sem preferências e assim começa a minha paixão pela educação infantil.

Sua metodologia era encantadora aprendíamos brincando e cantando, amava as aulas de arte, ela nos dava tesoura, lápis de cor, revistas de moda para folhearmos, sempre nos orientando e auxiliando no que fosse preciso era uma aula prazerosa.

Quem trabalha com educação infantil deve saber que podemos sempre desenvolver a atenção e a imaginação, e, além disso, a criança busca pessoas que se preocupem com ela. De acordo com Almeida (1987, p.55):

A esperança de uma criança, ao caminhar para a escola é encontrar um amigo, um guia, um animador, um líder, alguém muito consciente que se preocupe com ela e que a faça pensar, tomar consciência de si e do mundo seja capaz de dar-lhes as mãos para construir com ela uma nova história e uma sociedade melhor.

Dessa forma, hoje como educadora vejo o quanto minha professora foi importante nessa adaptação não só para mim, como também para com a turma transmitindo segurança, tranquilidade e confiabilidade, valorizando o potencial e o desenvolvimento da criança sendo mediador do processo de ensino, tornado o ambiente escolar mais prazeroso.

No ano seguinte começara uma nova etapa de minha vida agora na primeira série lembro-me que fazíamos oração e cantávamos o hino nacional no salão da escola e ao adentrar na sala a professora dava as boas vindas e mandava cada um sentar em seu lugar e que todos ficassem em silêncio e após isso começava a encher a lousa foi um impacto muito grande para mim.

Dessa forma, começaram as minhas dificuldades de aprendizagens, o ensino tinha característica de uma educação tradicional, pois a professora era rígida com a disciplina desenvolvida dentro e fora da sala de aula, ficávamos enfileirados, era proibido conversar com uns com os outros em sala de aula. Porém reconheço que a disciplina é um processo e se faz necessária para o ensino-aprendizagem.

Ao lembrar esses momentos vividos no período escolar, percebo que tanto a escola como a educação sofreram transformações significantes no processo ensino aprendizagem dos alunos, pois naquela época a educação era transmitida pelas professoras de maneira tradicional, a mesma não instigava o aluno a formar os seus próprios conhecimentos, éramos obrigados a cumprir regras e normas, sofriamos calados. A mesma se achava a dona do saber.

Para Freire (1996) esse tipo de educação é caracterizado como uma educação bancária e opressora, nos faz refletir sobre a libertação que o pensamento nos possibilita, fazendo da história da qual fazemos parte de um tempo de possibilidade e não de regras impostas.

Sobre essa libertação, Freire (1996, p. 57) nos diz “Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura toma parte é um tempo de possibilidades e não determinismo”. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade.

A narração de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Quanto mais armazenadas melhor o educador será.

No primeiro momento foi um choque para mim não compreendia quão grande mudança, mas fui me adaptando ao longo dos anos seguintes e não foi diferente, já estava no quarto ano e não sabia ler apenas soletrava.

Cada vez mais as coisas ficavam difíceis para mim, principalmente porque minha mãe voltou para o interior com o meu pai e eu e a minha irmã ficamos com minha avó Maria, ela

era analfabeta, meus tios não nos ajudavam com os estudos sem a ajuda em casa e sem o diálogo com a professora era impossível dizer quais eram minhas dificuldades e quais eram meus anseios, ficava horas tentando resolver as tarefas de casa sem apoio, às vezes me sentia desmotivada para ir a escola sentia muito a falta de meus pais, chorava a noite e minha irmã me consolava ficamos sempre juntas estudávamos no mesmo horário era minha referência de segurança, me sentia insegura abandonada, aquela situação era de aflição e angústia me sentia uma criança tendo que viver a vida de um adulto.

É importante ressaltar que a leitura e a escrita são instrumentos de inserção e participação na sociedade letrada em que vivemos, logo, precisamos garantir a todas as crianças esse direito.

E foi brincando no quintal de minha casa com minha vizinha Cleonilma que aprendi a ler com mais perfeição, não que não soubesse, mas poder compreender de fato e quando descobrir a leitura, tudo era novidade, tudo chamava atenção, ela tinha umas revistas de novelas, recopiávamos as escritas do caderno de suas irmãs. Segundo Masetto (1997, p.35):

A sala de aula precisa ser compreendida como um local de encontro, na qual ocorra a oportunidade de construir um espaço de vivência e de convivência, onde o professor e os alunos desempenham papéis e funções diferenciadas, de forma participativa, cooperativa e afetiva. Onde as diferenças possam ser respeitadas. A heterogeneidade não pode ser transformada em um fator de desagregação, mas em uma oportunidade de conviver com as diferenças em busca da construção de uma aprendizagem coletiva, cooperativa, na qual as ideias, os princípios, os valores, as tradições, a cultura, a criatividade de cada um venha a ser reconhecida de forma que seja somada essa diversidade na construção da aprendizagem dos diversos conteúdos formais. A aprendizagem, assim construída, passa a ser significativa, como traços que pertencem a cada um, mas, ao mesmo tempo, com traços que caracterizam o grupo. Se a vida invade a sala de aula, além do desenvolvimento de habilidades e conhecimentos, podem ser trabalhados conflitos, alegrias, expectativas, recalques, exibicionismos, esperanças, avanços e retrocessos, com o tempo a convivência vai aprofundando as relações mostrando as diferenças. Ao mesmo tempo, a interação estimula a produção de um conhecimento conjunto, e a ciência se torna, assim, uma aprendizagem coletiva.

Para o autor a sala de aula é um espaço de trocas, de convívios entre alunos e professores. Diante dessa afirmação vejo que nossa educação fugia desse pensamento coletivo, isolados de tudo cada um em seu espaço sem qualquer motivação.

Hoje, como educadora, vejo que não devemos ensinar os discentes a ler por meio de práticas centradas na decodificação, mas a ler a partir da prática. É importante que os discentes façam inferências, que verifiquem suas suposições, tanto em relação à leitura quanto a escrita. Nessa perspectiva, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, é preciso “aprender a ler lendo: de adquirir o conhecimento da correspondência

fonográfica, de compreender a natureza e o funcionamento do sistema alfabético, dentro de uma prática ampla de leitura” (BRASIL, 1997, p. 56).

Logo, é imprescindível interagir com a diversidade de texto que circulam socialmente e, esta prática deve envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não leem convencionalmente.

De acordo com Brasil (1997, p.54) formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos que estabeleçam relações entre o texto que lê e outros textos já lidos que saiba compreender vários sentidos.

A leitura, como prática social, é sempre um meio nunca um fim. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal. Fora da escola, não se lê só para aprender a ler, não se lê de uma única forma, não se codifica palavra por palavra, não se responde a pergunta de verificação do entendimento preenchendo fichas exaustivas, não se faz desenho sobre o que mais gostou e raramente se lê em voz alta. Isso não significa que na escola não se possa eventualmente responder a perguntas sobre a leitura, de vez em quando desenhar o que o texto lido sugere ou ler em voz alta quando necessário. No entanto, a prática constante de leitura não significa a repetição infundável dessas atividades escolares.

Ao mudarmos para outro bairro fui transferida para a escola Doutor Vicente Maués, lá estudei até 6º ano, no ano seguinte fui estudar a noite na escola Basílio de Carvalho 7ª Serie e uma professora que vivia doente me marcou pelo descaso com os alunos na época. Adoecei viajei para Belém no dia da prova e quando retornei entreguei a ela o atestado médico, conversamos e ela disse que marcaria a prova para mim em um outro momento, como era a quarta avaliação ela mandou que eu fazer a recuperação. Porém, não alcancei a média necessária para passar e foi quando fui à direção com dona Ivonete, que era minha responsável, e conversamos com a diretora Osvaldina que ligou para a professora, quando ela chegou alegou várias desculpas e disse que só podia passar a prova naquela hora.

Eu não me sentia preparada, mas resolvi tentar, pois não havia outra opção, pois ela estava de viagem marcada. Assim, elaborou a prova na hora, em que continham dez perguntas da disciplina de geografia, respondi o que pude e quando entreguei a prova à mesma deu um sorriso irônico e após a correção disse: “Você viu? Mesmo assim não conseguiu.” fiquei arrasada, chorei muito, pois eu me dedicava em meus estudos, era assídua, participava dos trabalhos, feira de ciências e outros. Foi quando Dona Ivonete me falou que eu não perderia o ano e conseguiu uma vaga na escola Leônidas Montes, instituição que gostei muito e pude recuperar o ano perdido.

Em relação ao papel da professora evidencia-se uma educação condicionada a uma avaliação apenas quantitativa e não qualitativa devemos avaliar de modo que venha favorecer o educando, compreender as dificuldades e contribuir na aquisição do conhecimento dos mesmos.

Dessa forma a gestora na época foi importante em intervir na ação da mesma, nessa concepção organizacional humanista em defesa do direito do educando.

A participação plena é aquela que dá as pessoas o direito de ser ouvida, de dizer o que pensa, de tomar uma posição sem constrangimentos, mesmo que seja contrária ao que pede a situação vivida. Veja o que Luck (2005, p.67) diz a respeito do agir de um gestor:

Não é fácil fazer uma gestão participativa, falar tanto nisso e aqui na escola eu continuo fazendo tudo sozinho, não encontro apoio por parte dos professores que se limitam a cumprir suas responsabilidades em sala de aula e, muitas vezes, nem mesmo assumem responsabilidades por fazer bem o seu trabalho. Quanto aos pais, a participação é na maioria das vezes, apenas para tratar de questões da vida escolar dos filhos, como por exemplo, notas e boletins.

Por conseguinte, como a revolução da educação precisa ser travada preferencialmente na escola é a liderança do diretor um fato importantíssimo, que influenciará no sucesso ou no fracasso do desempenho da escola como um todo e de cada aluno, particularmente.

Com os conhecimentos de hoje, entendo muitas lacunas deixadas na minha formação o que me faz refletir ao ensino de agora com uma nova perspectiva direcionada a uma evolução de qualidade reflexiva e em sua flexibilidade cultural, específica.

## **CAPÍTULO II- JUVENTUDE E SEUS IMPACTOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO E CASAMENTO**

A complementaridade entre família e escola é essencial, visto que, a família educa para a vida e a escola para a sociedade. Sem dúvida, foi neste tempo de escolaridade, aliado à formação familiar, é que se estabeleceram os fundamentos de meu caráter e meu modo de ser pessoal e profissional. Nesse segundo capítulo será demonstrado toda a trajetória vivida na juventude, os diversos desafios e mudanças, o casamento e junto a isso a conclusão do ensino médio.

### **2.1- Magistério formação profissional no ato de educar**

O dom de ser professor é dado pela alma, onde nasce à esperança de um mundo melhor através de uma criança, que espera não só o ensinamento letrado do professor, mas sim amor, compreensão, companheirismo e muito afeto como é bom ser professor, ensinar e acompanhar cada desenvolvimento de seu aluno, esse retorno é mágico, o retorno sincero do olhar de cada um deles recompensa tudo. Como é bom ensinar, amar, compreender, ter sabedoria enxergar as dificuldades e lutar para melhorar. Professor esse dom que Deus nos deu é a maior riqueza que ganhamos nesse mundo onde estamos só de passagem, mas que vamos deixar uma semente em cada um que em nossas mãos passaram.

Ser professor é ser iluminado por Deus, por isso não devemos desistir nunca. Sendo assim, prossigo agora com meu relato autobiográfico, de meus estudos no ensino médio com habilitação no magistério, cursado no colégio São Francisco Xavier no município de Abaetetuba.

No ano de 1997, ao concluí o primeiro grau na escola Leônidas Montes não sabia qual curso faria na época, o curso de magistério chamou atenção da família com quem eu morava a qual me incentivou muito para que fizesse o curso de magistério e matriculou-me, pois o curso era profissionalizante, e habilitava para o mercado de trabalho, para mim o curso não só me preparou para o mercado de trabalho, mas também me trouxe uma satisfação pessoal e profissional.

Em sala de aula sempre seguia os conselhos de meus professores o que ficou como referência para mim, pois me proporcionaram momentos de trocas de ideias possibilitando ao aluno não só o direito de expressão como outros no decorrer de nossos estudos. Foi um

período que ficou marcado em minha trajetória. Diante desse relato compartilho a ideia de (PIMENTA, 2009, p.20):

Quando os alunos chegam do curso de formação inicial, já tem saberes o que é ser professor. Os saberes de sua experiência de alunos que foram diferentes professores em toda sua vida escolar. Experiências que lhe possibilita dizer quem foram os bons professores, quais eram bons em conteúdos, mas não em Didática.

Essa afirmação me fez lembrar que no decorrer do curso pude refletir a atuação de meus professores do ensino fundamental e sua metodologia de ensino na maioria era tradicional. Portanto todo conhecimento que adquiri durante o curso de magistério serviu como base para o meu aprendizado, que posteriormente também seriam revistos ao ingressar no curso de pedagogia.

Ao relatar fatos ocorridos durante minha formação pude observar a relação professor/aluno e sua metodologia lembro-me das aulas da professora Auxiliadora de prática de ensino nos orientando quanto aos estágios, como seria esse momento até mesmo quanto à vestimenta de um professor como se portar e como chegar ao espaço escolar, qual seria nosso papel quanto educador. Sua metodologia de ensino/aprendizagem me chamava bastante atenção, pela forma como incentivava, quanto ao trabalho em grupo e como avaliava cada aluno em todos os aspectos.

Percebo hoje que, a avaliação tem a ver com a ação e com algum tipo de resultado sendo assim, ela deve ser vista de forma flexível no sentido de encontrar o melhor caminho nos ensinamentos aplicados no ambiente escolar.

Sendo assim, não poderia deixar de citar que “ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. O verdadeiro educador não adormece a alma, não se entrega á indiferença, não se encontra no muro das lamentações a espera da aposentadoria, desgostosos de tantas insatisfações” (GADOTTI, 1997, p.160). O autor fala desses educadores, os verdadeiros daqueles que não perdem a capacidade de sonhar, não desistem de buscar caminhos para extrair o potencial de vida em cada classe, em cada grupo de alunos. Ele educa, tira, de dentro, aquilo que temos de bom.

Outro momento importante foi o início dos estágios obrigatórios: O primeiro de observação, o segundo de participação e o terceiro de direção. Ao iniciar meu estágio de observação, tive a oportunidade de observar o trabalho da professora regente da sala da Escola Santana na educação infantil uma escola de ensino particular, foi encantador na sala da professora. A professora Gurupá lecionava no período III no turno da manhã, fui muito bem

recebida pela mesma e ao observar o seu trabalho fiquei encantada com a sua prática de ensino, com ela aprendi a importância do ser professor, pois, ela lecionava com muita dedicação e amor, e assim me repassou muita segurança de como trabalhar em sala de aula.

Essa experiência me fez ter a certeza de que ser professor vai muito além do que ser mestre ou orientador. Ser professor é apaixonar-se pelo o que faz. É descobrir que pode ir muito mais, além das fronteiras do saber. É maravilhar-se a cada amanhecer e ter a certeza de que tudo pode ser bem melhor do que ontem. É acreditar que o outro é capaz. Enfim, ser professor é doar-se por inteiro, é surpreende-se a cada dia e ficar extasiado de alegria ao ver seu educando desenvolver-se.

Dessa forma em sua essência, ser professor e estar em constante busca de conhecimento de aperfeiçoamento de sua prática de ensino, na certeza daquilo que deseja alcançar.

No Segundo estágio, tive a oportunidade de participar e ajudar a professora nas turmas de 1º e 2º série, com as atividades de seus alunos na escola Maximiano Antônio Rodrigues, tive um pouco de dificuldades, pois engravidei e quando fiz o estágio estava no 7º mês de gestação.

No 3º ano realizei o estágio de regência, no qual fui ministrar as aulas. No primeiro dia fui apresentada para os alunos onde fui bem recebida por todos da escola e ao iniciar as atividade senti certo temor fui observada pela a professora da turma de nome Ângela, da Escola Arte do Saber, escola privada na gestão da diretora Eugenita conhecida como tia G, a mesma me orientou quanto ao planejamento escolar, conversei com a professora que me deu dicas de como desenvolver as atividades da classe, mostrou-me alguns recursos didáticos que poderia usar para uma melhor compreensão dos educandos, a mesma explicou que ficaria uma semana com a turma e que estava ali para fazer meu estágios, sem intervir em nenhum momento, me deixou sentir na pele aquela aflição de insegurança e muito nervosismo, ao termino da aula recebi elogios da mesma dessa forma me senti mais tranquila me deu algumas dicas fundamentais na minha formação profissional.

Segundo Andrade (2005, p.2):

O estagio é uma parte integradora do currículo, a parte em que o licenciando vai assumir pela primeira vez a sua identidade profissional e sentir na pele o compromisso com o aluno, com sua família, com sua comunidade com a instituição escolar que representa sua inclusão civilizatória, com a produção conjunta de significados em sala de aula, com a democracia, com o sentido de profissionalismo que implique competências.

Contudo, foi muito gratificante a ajuda da professora naquele momento especial para o meu desenvolvimento como docente, de muito me serve todo o aprendizado adquirido nessas experiências iniciais.

## **2.2- Os desdobramentos do casamento e as novas responsabilidades.**

Ao concluir o ensino médio conheci Antônio Adilson em uma festa e iniciamos um namoro, meus pais de criação não ficaram satisfeitos mesmo assim permitiram que namorasse, os anos se passaram e como sabemos dificilmente conseguimos enganar nossos pais por muito tempo. Minha mãe de criação já me via diferente daquela menina e a família que me criou passaram a controlar meus passos e um certo dia resolvi deixá-los e voltei para a casa de meus avós .

Minha família de criação já havia me orientado sobre sexualidade, pois meu pai é médico e me explicou muito bem o que aconteceria ficasse grávida e com minha saída de casa no segundo ano engravidei e fui morar com minha sogra pensei em desistir de estudar, mas como a escola ficava em frente a casa onde passei a morar, isto ajudou-me para que não desistisse, pois o que mais queria era concluir meus estudos, era um sonho e esforcei-me ao máximo, lembro de estudar em pé devido não conseguir ficar por muito tempo sentada.

No ano seguinte já estava com minha filha nos braços já no terceiro ano, se chama Natalia de cássia, ela passou a frequentar a escola comigo quando não conseguia alguém para ficar com ela, no início foi tranquilo, pois minha sogra ficava com ela para mim, mas meu sogro estava com problemas de saúde, outra vez quis desistir dos estudos, contudo o padrinho da Natalia se disponibilizou a ficar com ela pra me ajudar, ela amava ficar deitada em seu peito, lembro-me de chegar e os dois estavam dormindo, porém nem todos os dias davam pra ele ficar com ela, ficava preocupada, mas deixava minha filha também com os tios que não tinham uma experiência com crianças.

No terceiro ano meu esposo também estudava, diante das dificuldades conversamos e foi quando ele abriu mão de seus estudos não tinha como estudar os dois, ele percebia minha tristeza, chorava sozinha sabia que não seria fácil pra eu desistir, sabia de meu interesse na conclusão do curso, e agradeço aos meus amigos e professores os quais foram fundamentais me apoiando sempre me dando força para prosseguir com os estudos.

Dois anos se passaram, engravidei outra vez, mas a gravidez não evoluiu, depois de seis meses em uma consulta médica, fui informada que não poderia ter mais filhos e que a

coisa certa seria a cirurgia para retiradas das trompas, fiquei muito triste, amo minha filha, mas tenho uma paixão pelos meninos era um sonho. Resolvi não fazer cirurgia e passado quatro anos estava grávida novamente, fiquei em silêncio, como sabia que minha gravidez era de risco procurei logo o médico, e me mantive em repouso os três primeiros meses, no dia 22 de janeiro nascia meu amado filho Vinícius.

Hoje percebo que as coisas não são como queremos, mas se acreditarmos e fizemos com amor não tem porque dar errado. Meus filhos são presentes de Deus para minha vida, tesouros preciosos que cuidarei até o fim de minha vida.

### **2.3 – Vida de aluna professora**

No ano de 1999 conclui o ensino médio, já em 2000 tive a experiência do primeiro emprego nas ilhas de Abaetetuba, voltei a minha origem no Rio Ajuazinho, fui lotada para trabalhar na escola Nossa Senhora da Paz (anexa da escola Mariuadir) e funcionava em um barracão com uma turma multisseriada com uma turma de 22 crianças de 04 a 7 anos na educação infantil.

Ao iniciar meu trabalho foi preocupante o novo, novamente encontrei diversas dificuldades, mas percebi que os estágios foram fundamentais, pois me ajudaram a desenvolver minha prática docente, o ensino com multissérie é desafiador, é trabalhar com crianças simultaneamente, tendo de atender alunos com idades diferentes e níveis de conhecimentos diferenciados.

A localidade era de difícil acesso, as angústias foram muitas, onde o professor em sua longa e árdua tarefa tende a se desdobrar entre planejamento, séries e alunos, para mim iniciante não foi fácil mesmo porque tive que deixar minha filha de um ano e seis meses após dar o lanche das crianças sentei e comecei a chorar meio escondida achei que estava fazendo uma loucura, e foi Miguel uma criança que me ajudava bastante muito ativo e comunicativo me abraçou e me deu um beijo no rosto e me falou pra não chorar que agora Deus havia me dado muitos filhos para ensinar, para mim naquele momento senti que Deus falava comigo que minha filha estava bem e que aquelas crianças precisavam de mim.

Já estava me esforçando para fazer a diferença na vida daquelas crianças, esforcei-me mais ainda nos finais de semana quando era possível, pedia ajuda para a tia de meu esposo ela era diretora da escola Pré- Escolar Santa Rosa e muito contribuiu com suas orientações. Eu

tinha que resolver diversas coisas da escola às vezes pedia para participar da hora pedagógica, para assim adaptar o trabalho com os costumes culturais da localidade.

A viagem era demorada, três horas de viagem de barco, era muito tempo e aproveitava o tempo para me planejar levava vários materiais, confeccionava jogos educativos recursos didáticos a princípio priorizei fazer a diagnose do educando, visando metodologias que favorecessem o aprendizado do aluno de forma lúdica aproveitando as brincadeiras regionais, valorizando a cultura. Assim, podemos considerar a afirmação de (HAGE, 2006, p. 04).

No caso da condução do processo pedagógico, os professores se sentem angustiados quando assumem a visão de multisserie e tem a, elaborar tantos planos e estratégias de ensino e avaliação diferenciadas quando forem, as series reunidas na turma, ação esta fortalecida pelas secretarias de Educação quando definem encaminhamentos pedagógicos e administrativos padronizado.

Os desafios são diários, pois além de sermos professores temos que ser gestor, coordenador, merendeira, fazer o transporte da merenda, material didático, até mesmo pelo transporte dos alunos na época tive que compra uma canoa, (um tipo de embarcação feita de madeira) tinha que sair cedo, pois dependíamos das marés, meu irmão e minha mãe me ajudaram e sem a ajuda deles jamais conseguiria sabia muito pouco remar.

Essa angústia que sentem os professores de multissérie acaba por interferir no processo de ensino-aprendizagem, e os ditos responsáveis por esse setor de ensino nada fazem para reaver essas necessidades sofridas que perpassa professor e alunos, simplesmente cobra um bom trabalho.

Mesmo com todas essas dificuldades, como: infraestrutura inadequada para o trabalho pedagógico, falta de espaço e materiais didáticos, começou a desenvolver atividades que viessem favorecer o aprendizado para o mundo letrado. Tive que me organizar e levar materiais confeccionados por mim, trabalhei com muito amor e dedicação, acreditamos que é através da educação que podemos transformar a sociedade e ajudar na construção de um mundo melhor.

Hoje ao refletir sobre esse período percebo que a educação não deve ser papel somente da escola, pois a família é a primeira e principal instituição responsável pela educação das crianças. Digo isso porque ao trabalhar nas ilhas convivi com os pais e com os alunos, os mesmo tinham respeito e admiração e confiança, valorizavam minha profissão o que faz me sentir orgulhosa por ser professora.

## 2.4- Práticas pedagógicas ilhas/cidade distinções e entraves

No ano seguinte foi me oferecido uma vaga onde ficaria perto de minha família, agora na cidade para trabalhar no Pré-escolar de Santa Rosa, meu esposo pediu que aceitasse pois ficava longe de casa e' minha filha precisava de mim, aceitei essa nova oportunidade, era uma turma de 26 crianças agora muito diferente de minha experiência uma turma tranquila tínhamos um belo espaço para as brincadeiras, e somente a estrutura ainda precisava melhorar pois eram separadas com compensado e atrapalhava um pouco o que não impediu de me deslumbrar com a forma de ensinar onde o lema “Brincar” era vital para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, tudo ali era bem planejado e foi quando aproveitei ao máximo para qualificar a minha prática docente não que já não tivesse mais agora aplicando baseada em teoria para melhor assim desenvolver um trabalho com fundamentações. Assim descobrir que de acordo com (MARANHÃO, 2001, p.55).

A Criança necessita ser vista como um ser que vive no mundo e com o mundo, para tanto, práticas desvinculadas da teoria devem ser superadas para que se possa proporcionar condições favoráveis para que se promova a construção do conhecimento integral do educando, levando em conta seus interesses, suas necessidades e o prazer de ser sujeito ativo desta construção

A minha experiência docente com crianças do ensino fundamental foi pouca, mas fundamental, e como gosto de me desafiar fui trabalhar no ensino fundamental de 1ª á 4ª serie, até mesmo por conta de não ficar acomodada só na educação infantil e ao atuar no quinto ano na escola Santa Anastásia localizada no bairro do mutirão vi uma diferença muito grande, era uma turma, além de numerosa, agitada e de difícil diálogo.

Certamente que não foi fácil desempenhar um trabalho diante de tamanha situação, mas não me intimidei queria fazer a diferença na vida dos mesmos, dentro das propostas escolares, montamos diversos trabalhos de orientação não somente para as crianças, mas também para as famílias e no final tudo melhorou.

No ano de 2011 tive a oportunidade de trabalhar na creche Irmã Eufrásia Maria de Belém localizada no bairro de Francilândia a princípio fiquei muito apreensiva, pois seria a primeira creche a ser inaugurada no município de Abaetetuba.

No mesmo ano conversando com uma amiga (Nilda) que trabalhava na SEMEC falei para ela que gostaria de voltar para a educação infantil, pois sentia muito a falta de minhas crianças e foi quando ela me deu essa oportunidade de trabalhar na creche.

A princípio pensei: creche? Como assim? Ela me explicou que seria inaugurada a primeira creche no município de Abaetetuba, situada no bairro de Francilândia, então respondi a ela que seria uma experiência nova para mim e que eu aceitaria, pois gostava o fato de mais uma vez conhecer algo novo.

Ao chegar à instituição conversei com a gestora e fui bem recebida por todos, como sou muito religiosa e entrego tudo aquilo que Deus me propõe em suas mãos, chegando lá para a minha surpresa era a igreja de São Leopoldo Mandic, a igreja ficava no centro do prédio e as salas nas laterais. Ao entrar, observei todo o espaço, confesso que fiquei um pouco preocupada, as salas eram amplas, porém os banheiros não eram adequados para as crianças, não tinha um espaço adequado para as brincadeiras.

Ao iniciarmos recebemos uma formação pelos secretários da SEMEC do setor de educação infantil, os quais repetiam sempre os pilares a serem trabalhados em “creche” esses que são: cuidar, educar e brincar; e que todo o trabalho seria feito de acordo com a rotina da instituição.

Após a formação, sentamos para o planejamento escolar, e através do planejado, decidimos quais atividades seriam feitas durante o primeiro semestre, pois teríamos que ver e rever os acertos e erros coletivamente, onde, todos contribuem para um só objetivo determinado. Percebo a importância do planejamento educacional para o bom desenvolvimento do processo ensino aprendizagem do educando.

Neste período, tive a oportunidade de participar de varias formações oferecidas pela secretaria de educação, a partir desse momento comecei a adquirir mais experiências e instigar meus conhecimentos. Dai a importância de repensarmos sempre nossa prática e refletir sobre os pilares a serem aplicados nas creches, que são: cuidar, educar e brincar; como uma das necessidades para o desenvolvimento humano.

A criança ao nascer, ao contrario de outras espécies, é completamente dependente do adulto para sobreviver. Sua dependência vai além da dependência física que exige cuidados, alimentação e proteção; ela precisa sentir no outro, no caso a mãe ou a pessoa mais próxima, que a sua existência é importante para que possa desenvolver-se de forma saudável.

Nesse sentido, vejamos o que os Parâmetros Curriculares Nacionais para a educação nos dizem:

[...] Muitas vezes vista apenas como um ser que ainda não é adulto, ou é um adulto em miniatura, a criança é um ser humano único, completo e, ao mesmo tempo, em crescimento e em desenvolvimento. É um ser humano completo porque tem características necessárias para ser considerado como tal: constituição física, forma

de agir, pensar e sentir. É um ser em crescimento porque seu corpo está continuamente aumentando em peso e altura. É um ser em desenvolvimento porque essas características estão em permanente transformação. As mudanças que vão acontecendo, qualitativas e quantitativas, o recém-nascido é diferente do bebê que engatinha, que é diferente daquele que já anda, já fala ou já tirou as fraldas. O crescimento e o desenvolvimento da criança pequena ocorrem tanto no plano físico quanto no psicológico, pois um depende do outro. (PCNs).

O comentário citado anteriormente esclarece e fala de como a criança cresce e se desenvolve e como devemos nos posicionar sobre a prática pedagógica que contribua realmente como o desenvolvimento. É para que estabeleça um trabalho pautado no cuidar e no educar com qualidade.

Dessa forma, é reconhecido que apesar de ser totalmente dependente do adulto, a criança é um ser único, individual, cidadão de direitos, produto e produtor de uma cultura, é um sujeito histórico que faz parte da natureza e precisa se desenvolver como um todo.

A expressão educação infantil e sua concepção como primeira etapa da educação básica está agora na lei maior da educação do país, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), sancionada em 20 de dezembro de 1996, a qual diz que é direito da criança de zero a seis anos a educação em creche e pré-escolas já esta assegurado na constituição de 1988 e reafirmando no Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, a tradução desse direito em diretrizes e normas, no âmbito da educação nacional, representa um marco histórico de grande importância para a educação infantil.

A inserção da educação infantil na educação básica, como sua primeira etapa é o reconhecimento de que a educação começa nos primeiros anos de vida é essencial para o cumprimento de finalidade, afirmada no artigo 22 da Lei “A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornece-lhe meios para progredir em estudos posteriores” (BRASIL; 2006 p.19).

A educação infantil recebeu um destaque na nova LDB, inexistentes nas legislações anteriores. É tratada na seção II, do capítulo II (DA EDUCAÇÃO BÁSICA) nos seguintes termos (BRASIL; 2006 p.19).

Art. 29 A educação infantil será oferecida em: I - creche, ou entidades equivalentes, para as crianças de até três anos de idade; II – pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de vida.

Art. 30 A educação infantil será oferecida em:

I – creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

Art. 31 Na educação infantil, a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

A partir dessa concepção, é necessário pensar em uma proposta pedagógica que contemple ações capazes de proporcionar à criança condições de usufruir de suas possibilidades de apropriação e produção de significados do mundo que a cerca, ou seja, de desenvolver-se.

Esse mesmo referencial sugere que a criança seja apoiada em suas iniciativas próprias e a ela seja oportunizado; enfatiza (BRASIL; 2006 p.19).

Brincar; movimentar-se em espaços amplos e ao ar livre; expressar sentimentos e pensamentos; desenvolver a imaginação, a curiosidade e a capacidade de expressão; ampliar permanentemente conhecimentos a respeito do mundo da natureza e da cultura apoiadas por estratégias pedagógicas apropriadas; diversificar atividades, escolhas e companheiros de interação em creches, pré-escolas e centros de educação infantil.

Portanto, é necessário que saibamos que nesses momentos das brincadeiras é necessário a organização das regras, respeito à autonomia, a criatividade, as experiências, atividades de interação em grupo. Para tais considerações a escola precisa rever a sua concepção de criança, do brincar e do cotidiano escolar. E na ação pedagógica deve estabelecer diálogo, criar práticas educativas que viabilizem o ensino e a aprendizagem com prazer, valorizando e respeitando a infância no tempo escolar.

Na creche, não foi muito diferente, o espaço foi se adequando as necessidades da criança, o brincar o faz de conta, o cuidar com amor e o educar foram e são os pilares fundamentais para esse processo, embasados nas teorias, na lei de diretrizes e bases que juntamente com o corpo docente escolar e secretaria de educação, desempenham um trabalho voltado para o desenvolvimento da criança em todos os aspectos.

Para Vigotsky (1987, p.59).

O brincar é uma atividade humana criadora, na qual a imaginação, a fantasia, a criatividade e a realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças com o mundo, assim com nossa forma de construir relações sociais com outros sujeitos, criança e adulto.

Hoje tenho a oportunidade de ir mais além como profissional, a partir da formação acadêmica agora com um novo olhar voltada para os teóricos tendo uma nova visão e uma compreensão mais ampla da vida docente.

Dessa forma é de grande importância pertencer à escola, sendo esta o espaço adequado para que o professor some experiências, renove as adquiridas, afim de que, suas práticas pedagógicas criem condições dentro da realidade escolar.

Continuo trabalhando na creche acima citada são sete anos vividos na instituição, atuei em todas as turmas, berçário, jardim I, jardim I, maternal II, período I, período II para mim foi de fundamental lidar com as diferentes fases dos alunos, pode-se dizer que todo dia é um desafio, e também a cada dia são novos aprendizados adquiridos.

### **CAPÍTULO III - UNIVERSIDADE UM OLHAR MAIS ALINHADO SOBRE A EDUCAÇÃO**

A formação universitária foi uma experiência fantástica, aprendizados e conhecimentos que contribuí significativamente na vida dos acadêmicos ajudando em sua prática, mudando posturas fazendo com que muitos saíssem do senso comum e aderissem a determinadas perspectivas teóricas procurando coerência e eficácia nas práticas pedagógicas. O presente capítulo tem como objetivo narrar sobre o meu ingresso no PARFOR, em seguida falo sobre o curso de pedagogia e suas contribuições na prática docente.

#### **3.1 Novas perspectivas educacionais**

Há dezoito anos ao concluir o ensino médio, sonhava com o dia de ingressar na universidade, quando tive minha primeira filha, achava impossível a realização do mesmo. No entanto, o sonho não era só meu, pois minha amiga Elisa muito fez para me ajudar, todos os anos quando abria as inscrições na plataforma Freire era ela quem me inscrevia e sempre me dizia que iria dar tudo certo, pois sabia o quanto eu almejava a formação acadêmica.

Ao lembrar meu ingresso na UFPA no ano de 2014, no curso de licenciatura plena em pedagogia (PAFOR), resalto que minha amiga Elisa me parabenizou e contou-me que havia baixado a lista dos classificados e que meu nome constava na nela, foi uma felicidade, mas a alegria duraria pouco, pois eu tenho uma amiga homônima, Maria Lúcia Pinheiro Cardoso, que havia se inscrito no mesmo curso de pedagogia, assim começa uma árdua

batalha, pois na lista constava apenas uma e na UFPA não sabiam informar qual das duas seria.

Na época, o coordenador do curso do PAFOR Pablo Duarte, muito fez para nos ajudar, fez nossa matrícula e nos orientou a fazer um documento para o reitor do campus e fomos orientadas a estudar. Não nos sentíamos seguras, pois os anos se passavam e o nosso nome não constava na lista de frequência e nós não tínhamos número de matrícula. Com a chegada do professor do coordenador da pedagogia local professor Alexandre Calls na disciplina de currículo, no sexto período, ao saber de nossa situação ficou preocupado e nos prometeu que resolveria nossa situação diante da documentação apresentada a ele que nos respaldava de nossa entrada na universidade, solucionou rapidamente a situação hoje agradeço a Deus por colocar em nossas vidas pessoas que se importam e que se dispuseram a ajudar.

### **3.2 O curso de pedagogia e suas contribuições na prática docente**

Em janeiro de 2014 nossa turma foi formada por 38 alunos, sendo cinco homens e trinta e três mulheres, onde apenas a aluna Alana foi desistente, sendo uma turma com professores de várias localidades, como: Muaná, Barcarena, Moju, Igarapé Miri e Abaetetuba.

Ao lembrar do primeiro dia de aula, lembro-me da professora Benedita das Graças, a qual ministrou a aula de história geral. Me preocupava como seria esse momento novo em minha vida, logo, quando a mesma adentrou á sala, eu fechei os olhos e fiz uma oração silenciosa, pedi muita força a Deus para que em nenhuma momento eu pensasse em desistir de algo tão importante e almejado por mim. Hoje percebo o quanto necessitava da graduação, diante das disciplinas fui norteada por questionamentos sobre a minha prática docente, antes vista apenas com as minhas amigas pedagogas. De certa forma, me sentia excluída por não conhecer a teoria e não ter o olhar teórico da profissão. Foram 15 anos de minha vida parada no tempo, sem me qualificar.

A formação acadêmica vem de encontro a esse fazer do professor no processo ensino aprendizagem, não só ganha o professor como também o educando que é o centro da razão desse aperfeiçoamento do educador.

Os estudos na Universidade vieram somar com os conhecimentos que já tinha adquirido ao longo de minha vida profissional. E no decorrer desses anos de estudos científicos abre-se um leque de informações enriquecedoras para minha prática de ensino. As

oficinas pedagógicas, os debates, os seminários, mesas redondas dentre outros os quais me fizeram refletir em uma nova perspectiva de trabalho baseados em teorias e assim aplicar o aprendido com mais firmeza. Freire (2011) ressalta que por isso é que na formação permanente dos professores o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.

No contexto de formação acadêmica, o memorial veio ao encontro da história da prática docente, fazendo uma análise, buscando compreender o mundo em que o sujeito vive rodeado de um cenário das lembranças fundamentadas na metodologia do sujeito, na compreensão em relação ao aprender e conhecer a si mesmo, do conhecer o outro e a partir desse processo elabora narrativas ao memorial.

A esse respeito, podemos considerar a seguinte afirmação de Freire (2003, p. 19):

Quando hoje, tomando distancia de momentos por mim vividos ontem, os rememoro, deve ser, tanto possível em descrevendo à trama, fiel ao que ocorreu, mas, de outro lado, fiel ao momento em que conheço e descrevo o momento antes vivido. Os ‘olhos’ com quem ‘re vejo’ já não são os ‘olhos’ com que ‘vi’. Ninguém fala do que passou a não ser na perspectiva do que passa. O que não me parece válido é pretender que o que passou de certa maneira deve-se ter passado como positivamente, nas condições diferentes de hoje, passaria. Afinal, o passado se compreende não se muda.

E a partir da citação de freire que passo a compreender melhor, momentos por mim vividos ontem, fiel ao que ocorreu, mas de outro lado, fiel ao momento antes vivido, o qual fui educada, obscuro, legados de geração a outra, é possível perceber que apresentou também benefícios para a minha vida enquanto profissional, considerando que o aprendizado se da de forma continua, dessa forma a formação de professores das redes de educação, devem estar aptos a educar dentro de uma prática docente qualificada com metodologias que passam a possibilitar aos alunos, os saberes diferenciados e reflexivos diante da realidade vivida.

Surge o PAFOR com esse interesse de formar professores de redes publicas de educação básica e capacitá-los para a melhoria da qualidade de ensino no Brasil.

Diante desses conceitos optei escrever o memorial, o qual conta um pouco da minha trajetória de vida ao profissional acadêmico. Optei por este tema, pois é de suma importância questionar a educação de antes e agora, voltada a nossa prática de ensino, a qual deve estar sempre se renovando e qualificando, visando assim novos conhecimentos.

Assim sendo, o memorial vem despertar para as práticas de antes e agora na educação, vem como instrumento da pesquisa e um fator que nos leva a refletirmos e ampliarmos tais

conhecimentos fundamentados a uma teoria, aonde vem aperfeiçoar e inovar a prática aplicada pelo professor.

Os saberes das disciplinas na prática docente fazem me lembrar dos semestres estudados fazendo me sentir como os rios da Amazônia, em constante movimento de enchente e de vazante. Cada semestre corresponde a um desses movimentos. Geralmente o primeiro é o momento de encher, no qual novas águas se somam a minha, ampliando dimensão. O segundo é minha vazante e essas águas que me abasteceram durante um semestre vão dessalgar em outras paragens, somando-se ou formando outros rios.

As disciplinas me proporcionaram uma visão crítica do conhecimento, foram quatro anos estudando os teóricos os quais me possibilitam a ter um novo olhar no meu fazer pedagógico como profissional, me direcionando e apoiando no campo educacional.

Ressalto que os estágios supervisionados I, II, III, IV e V foram relevantes para minha formação fazendo-me compreender que o aprendizado é eficaz quando se é feito e adquirido por meio da experiência.

Sendo assim compartilhei com a turma e os professores momentos de trocas de experiências, construindo meu aprendizado tendo como suporte as leituras embasadas nas teorias dos filósofos. Nesse sentido, não poderia deixar de falar da disciplina ludicidade e educação ministrada pelo professor Valdir, a mesma que me propiciou novas técnicas de ensino.

Na escolha de uma modalidade de trabalho pedagógico, deve-se considerar a intencionalidade do ato educativo, as características e singularidades dos aprendizes, os recursos existentes ou que podem ser providenciados e outros fatores que podem interferir no trabalho, restringindo-o ou abrindo-lhe novas possibilidades.

Dessa forma no terceiro e quarto ano percebi grandes mudanças em meu fazer pedagógico, as reflexões, as leituras, os debates feitos em sala, isso tudo contribuiu para aprimorar minha prática, o que tem refletindo em minhas ações em sala de aula. Nesses quatro anos o meu interesse pelos temas apresentados nas várias disciplinas na área de educação, fez-me participar de vários debates e discussões na sala de aula a respeito da docência, durante o curso de pedagogia.

Assim nosso olhar vai diretamente para o professor dentro de sala de aula. O que se busca no perante a sociedade é uma intervenção pedagógica crítica, que motive o aluno a ser protagonista da sua história.

A esse respeito Masetto (2003, p.76) nos fala que:

Algumas pesquisas nos dizem (e podemos testar isso conosco mesmos) que os professores que nos marcaram para o resto de nossas vidas, além de serem competentes em suas áreas de conhecimento, foram aqueles que incentivaram à pesquisa; abriram nossas cabeças para outros campos, outras Ciências, outras visões de mundo; nos ajudaram a aprender a ser críticos, criativos, exploradores da imaginação manifestaram respeito aos alunos. Interesse e preocupação com eles, disponibilidade em atendê-los, resolver-lhes as dúvidas, orienta-los em decisões profissionais; demonstraram honestidade intelectual, coerência entre o discurso de aula e sua ação, amizade, enfim, aspectos marcantes relacionados à convivência humana em aula.

A graduação me ofereceu subsídios para que meus conhecimentos no campo da educação fossem ampliados e significativos na formação continuada PARFOR. Escrever minha autobiografia através da memória foi de grande importância porque tive momentos de reflexão e ressignificação de minha prática docente. As experiências que vivenciei com todos os professores que passaram por mim no decorrer do curso serviram de suporte para melhorias na minha prática pedagógica.

A universidade foi um dos melhores acontecimentos em minha vida, pois foi ela que me proporcionou renovar meus conhecimentos, quais foram fundamentais onde a minha prática de ensino passa a unir-se com as teorias ligadas a educação pedagógica de sala de aula onde pude ressignificar meu saber docente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Ao termino deste trabalho acadêmico sinto-me agraciada como profissional, posso afirmar que aprendi que o educador deve ser constantemente um pesquisador buscando sempre soluções. Faz-se necessário que o educador faça uma autoanálise para buscar embasamentos teóricos essenciais à reconstrução de sua prática pedagógica.

Tenho certeza que esta prática deve estar centrada em fazer vigorar a construção do saber, levando em consideração o conhecimento prévio, as informações e opiniões através da oralidade e da escrita e um relacionamento afetivo e solidário, sempre se dispondo a ajudar, aliviando e/ ou amenizando as angústias dos alunos e buscando junta a solução das dificuldades encontradas no decorrer de todo processo educativo das crianças.

Ressalto que é imprescindível a construção de uma educação que venha desenvolver competências, proporcionando a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conhecedores dos seus direitos para que possam ter a perseverança e coragem de lutar por seus objetivos.

Observo que as lutas travadas, o cansaço, o desânimo e a ansiedade observados nessa trajetória acadêmica não foram em vão. Atualmente, me considero uma mulher vitoriosa. Mas é importante lembrar que, embora tenha alcançado essa conquista, tenho consciência de que é preciso prosseguir em busca de novos conhecimentos, a fim de aprimorar minha atuação na profissão que escolhi, visto que esta fonte inesgotável chamada conhecimento, está sempre à disposição o crescimento pessoal e profissional.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M.H.M.B. (org.). **História e Histórias de Vida** – destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- ANDRADE, Arnon Mascarenhas de Andrade. **O Estágio Supervisionado e a Práxis Docente**. In: SILVA, Maria Lucia Santos Ferreira da. (Org.). **Estágio Curricular: Contribuições para o Redimensionamento de sua Prática**. Natal: EdUFRN, 2005.
- ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica** - técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- BEACH, Raimundo. **Nós e nossos filhos**. Santo André – São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1968.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação**, SP, Ed. 34, 2002.
- Brandão, C. R. **Lutar com a palavra**. Rio de Janeiro: Edificações Graal, 1985.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, **Secretaria de Educação Fundamental**. Lei nº 9394/96. LDB – Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1997.
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. 2011-2020. Disponível em <[www.mec.com.br](http://www.mec.com.br)> Acesso em: 10 fev. 2018
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- COELHO, R. M. F. **A utilização de filmes em sala de aula: um breve estudo no Instituto de Ciências Exatas e Biológicas da UFOP**. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2ª Ed. São Paulo: UNESP, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GADOTTI, Moacir. **A formação do administrador da educação: análise de propostas**. Revista de Administração da Educação. V. 1, 1997.
- HAGE, Salomão Mufarry. **A Realidade das Escolas Multisseriadas Frente as Conquistas na Legislação Educacional**. In: anuais da 29ª reunião anual da ANPED: **Educação, Cultura**

**e Conhecimento na Contemporaneidade:** desafios e compromisso manifestos. Caxambu: ANPED, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 4 ed. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1996.

Luck, Heloísa. **A dimensão participativa:** o trabalho do gestor escolar. 4 ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Brincar:** prazer e aprendizado. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2003

MARANHÃO, Diva Nereida.– **Projeto A Vez do Mestre.** Universidade Candido Mendes. Curso Educação Infantil e Desenvolvimento – Recreação e Artes módulo VII p. 8 e módulo VIII p. 3, 2001.

MASETTO Marcos Tarciso, **Capacidade Pedagógica do Universitário.** São Paulo: Summus, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, **Maria Socorro Lucena.** Estágio e Docência. São Paulo: Cortez, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação Social da Mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WALLON, H. **As origens do pensamento na criança.** São Paulo: Manole, 1986.